

OLHAR INQUIETO

A baiana Sinisia Coni abraça com vontade a arte da fotografia. Depois de passar por diversas experiências profissionais, a artista, que desde 2012 se dedica exclusivamente ao ofício, revela aqui um pouco da beleza da azulejaria portuguesa.

“Cresci observando meu pai, que era médico e cientista, ter um imenso amor pela fotografia. Desde pequena admirava as centenas de fotos clicadas por ele e guardo na memória as sensações de estar em seu gabinete apreciando as imagens de David, Moisés...”, revela Sinisia Coni. Com o olhar herdado do pai, que logo percebeu o interesse e a sensibilidade da filha, Sinisia passou toda a adolescência experimentando sua visão sobre as coisas do mundo. Mas depois, com a vida adulta, o casamento e a família, a fotografia foi deixada de lado em benefício de outras atividades profissionais. “Durante muitos anos, trabalhei como hoteleira em Salvador. Depois fui morar em São Paulo, onde passei seis anos como designer de interiores, profissão que exerci até a chegada do meu quinto filho.” O caçula, hoje com 9 anos, estimulou o casal a voltar para Salvador. E, em 2002, junto com o marido, Armando C. Ribeiro, Sinisia montou a Galeria do Olhar na sua cidade natal. A proposta do espaço era facilitar a intermediação entre artistas e fotógrafos, de várias partes do mundo, com o público. E foi justamente nesse momento que ela decidiu se dedicar mais intensamente a seu trabalho autoral. “Capturava ima-

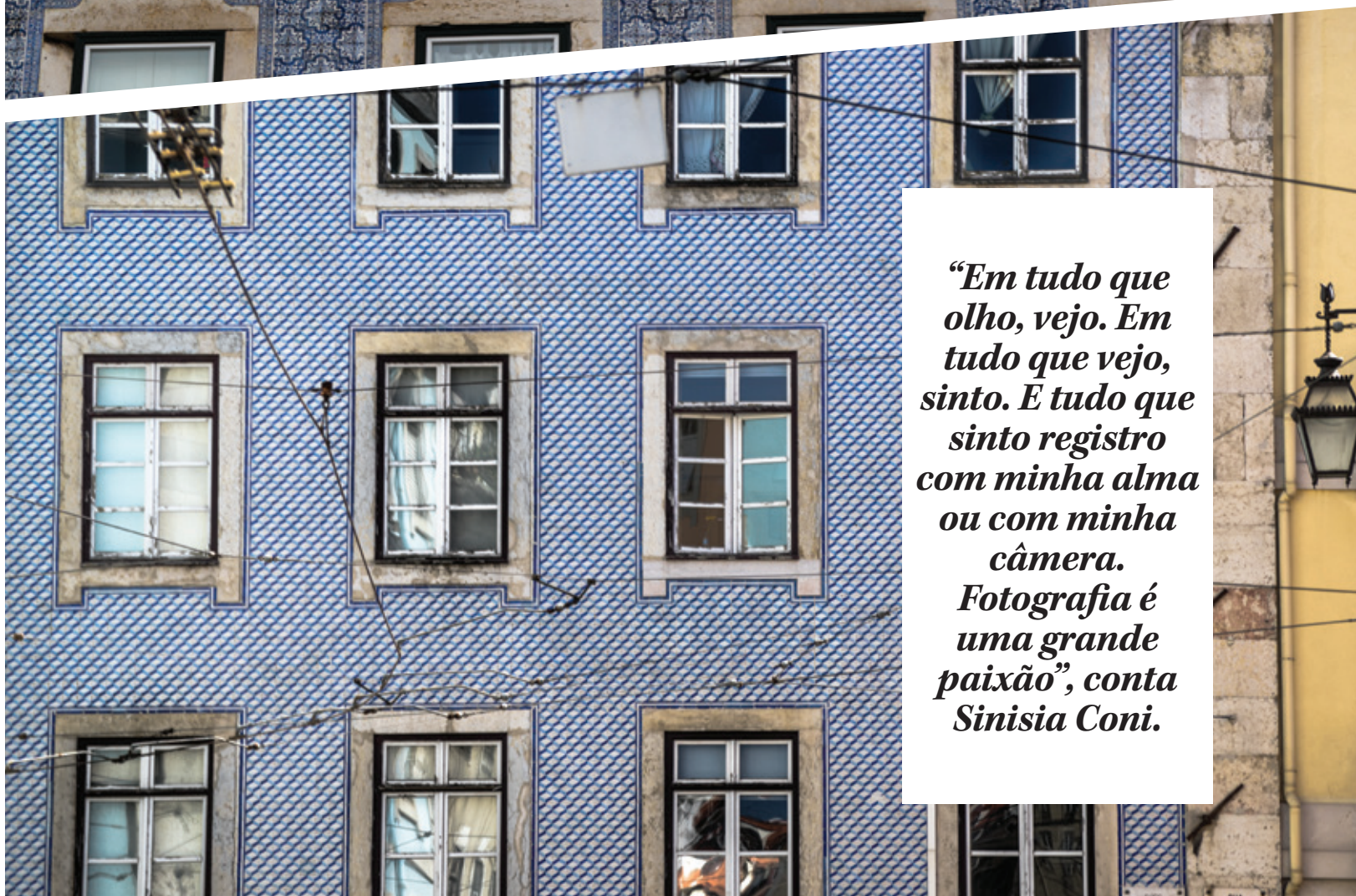
gens de todas as etapas da vida dos meus filhos, das viagens etc. Sempre com foco nas expressões e também no cotidiano das pessoas por onde passava”, conta ela. No entanto, foi apenas em 2012 que Sinisia passou a exhibir seus cliques. “Tomei coragem, muito incentivada por minha irmã Luisinha Brândão, franqueada da CASA COR, a fazer minha primeira exposição durante o evento.” A mostra, intitulada *Cotidiano da Cidade de Salvador*, foi o ponto de partida para não parar mais. No ano seguinte ela apresentou *Cachoeira Cidade Heroica e Monumento Nacional*. E, no terceiro ano consecutivo, integrou a *II Mostra de Arte Cidadelle: Fotografia* para a CASA COR de Itabuna. “Hoje vejo que Luisinha me deu força e coragem para mostrar esse olhar. Sou muito grata, pois perdi a timidez e mais do que nunca estou motivada a trabalhar muito como venho fazendo, expondo no Brasil e pelo mundo afora. Tenho agora convicção de que este é o meu caminho”, confessa ela.

A convite dos diretores da CASA COR Bahia, Sinisia Coni apresenta este ensaio sobre a bela produção da azulejaria portuguesa em Lisboa – cidade que a artista adotou, faz três meses, como sua morada.

O edifício da antiga Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego, situado no largo do Intendente, em Lisboa. Depois da morte de Antonio Costa Lamego, seu fundador, a empresa passou para as mãos da viúva e se tornou reconhecida pelo apelido. As imagens figurativas da fachada aludem ao comércio entre Portugal e o Oriente.

FUNDADA em 1849

FÁBRICA CERAMICA



“Em tudo que olho, vejo. Em tudo que vejo, sinto. E tudo que sinto registro com minha alma ou com minha câmera. Fotografia é uma grande paixão”, conta Sinisia Coni.



Breve história do azulejo

A palavra vem do árabe e ganhou força em terras portuguesas. Por influência da ocupação da cultura moura, a arte da azulejaria criou raízes na Península Ibérica. O azulejo fascinou espanhóis e portugueses e revestiu de igrejas a palácios, mudando a paisagem urbana. Suas primeiras aplicações em Portugal, como revestimento monumental, foram realizadas com peças importadas de Sevilha, por volta do século 15. Logo depois, os artesãos locais simplificaram a técnica mourisca, que exigia muito tempo de fabricação, e a adaptaram bem ao gosto ocidental. Começaram a surgir também as oficinas que usavam a técnica da faiança, importada da Itália.

A nova indústria do azulejo floresceu com as encomendas da nobreza e do clero. Grandes painéis foram fabricados para adornar igrejas, palácios, solares e jardins. As temáticas variavam, mas se mantinham sempre conectadas com o espírito da época, como os motivos inspirados nas artes decorativas, na ourivesaria e nas gravuras dos viajantes portugueses ao além-mar. Porém foi apenas no início do século

18 que houve um aumento significativo dessa produção, devido sobretudo às grandes encomendas vindas do Brasil, durante o período do reinado de D. João V (1706-1750). Não há como negar que a herança trazida de Portugal na utilização desse tipo de revestimento demonstra a forte influência lusitana em nossos costumes e em nossa arquitetura. Se inicialmente a utilização do material não passava de um produto de padrões fornecidos pelas olarias portuguesas, logo o azulejo acabou por se tornar indispensável na arquitetura brasileira, tanto pela praticidade, ao garantir uma proteção eficaz contra as intempéries do país tropical, quanto pelos novos usos que aqui adquiriu.

Desde os anos 30, notamos uma retomada do azulejo que coincide com a renovação da nossa arquitetura. O azulejo passa a ser usado como suporte para as criações de grandes nomes, como Candido Portinari e Oscar Niemeyer. Tanto em Portugal quanto no Brasil, os azulejos percorrem estilos e linguagens que traduzem seus diversos períodos e inundam de cor qualquer cidade.



*“Costumo dizer
que Deus tem sido
bom para mim.
Participei da
Terra Brasil, em
Portugal.
Em Oslo fui
premiada na
Embaixada do
Brasil. E, agora,
vou expor na Art
Shopping
Carrousel du
Louvre, em Paris”,
diz Sinisia Coni.*